

PINTURAS RUPESTRES

O professor Charles Malcon, da Universidade de Havard é, na opinião geral do setor, a maior autoridade mundial em pinturas rupestres. É dele o trecho, abaixo transcrito, sobre as últimas descobertas realizadas no Brasil:

— *O povo da época já dominava a tecnologia da fabricação de tintas, pois, em muitos desenhos, foram encontrados elementos que, no passado, eram conhecidos com o nome genérico de acrílicos. Entretanto, nota-se, claramente, que houve um retrocesso, do ponto de vista estético, em relação às pinturas de Lascaux, que ultrapassam os 20.000 A.C.. Enquanto, por exemplo, autores do século XX faziam referências interessantes às pinturas da gruta de Altamira, dizendo que: ‘A rica policromia — vermelhos, amarelos, negros, roxos... e a modelagem confirmam a obra de um artista — ou artistas — pleno de recursos técnicos e expressivos...’, os desenhos brasileiros foram executados a uma só cor, isto é, onde são amarelos, são somente amarelos, onde são pretos, somente são pretos e assim por diante. Parece que os desenhistas não usavam a policromia. É muito difícil acreditar que os responsáveis por essas obras estejam na categoria de artistas, uma vez que o traço das inscrições é muito rude, demonstrando baixo nível de consciência cultural e de inteligência. Usando alguns elementos da técnica de Florence Goodenough, psicóloga do início da vigésima centúria D.C., é possível calcular o QI das pessoas responsáveis pelas inscrições e ousamos dizer que não é muito maior do que o de um frango adulto e um pouco abaixo do QI de um pombo, avezinha que demonstrou desempenhos bastante complexos em experimentos de laboratório. Sabe-se, com grande probabilidade de acerto, que os escreventes brasileiros*

eram humanos, embora haja quem conteste essa hipótese genérica, como nosso colega, o Dr. David Merlin, da Universidade de Oxford. Para o referido mestre, algumas inscrições do tipo: — ‘Lili eu te amo’, ‘viado’, ‘Laírson e Rosmélia’ — são próprias de seres humanos, porquanto foram escritas em português pós-camonião. Alguns especializaram-se em assinar o próprio nome, especificando suas origens maternas — é interessante notar que todos se chamavam Filho e tinham uma mãe comum —; mas há outros rabiscos estereotipados, que sugerem ser provenientes de uma raça capaz de algumas habilidades motoras finas, mas que estão longe de possuir as características do sofisticado repertório humano. Talvez sejam manifestações de uma espécie fronteira que se tenha extinguido, no início do terceiro milênio”.

Esse é o texto do professor Charles Malcon, escrito aos 23 dias do mês de novembro do ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 5.996, ocasião em que se descobriram alguns muros da antiga São João del-Rei, soterrados no local que deveria ter sido o centro da cidade, aproximadamente no ano de 1996.

Publicado na Tribuna Sanjoanense